

# Sarney prega união do centro para salvar País

discurso  
03 DEZ 1988  
ESTADO DE SÃO PAULO

## Presidente acha que o Brasil está ameaçado pelo populismo e defende o pacto social

BRASÍLIA — O presidente José Sarney pregou ontem a união das forças democráticas de centro para salvar o País, segundo ele, ameaçado pela inflação e pelo modismo populista. Durante o programa *Conversa ao Pé do Rádio* que vai ao ar em cadeia nacional todas as sextas-feiras, o presidente falou ainda do acordo comercial com a Argentina, das perspectivas do Pacto Social e do salário mínimo, cometendo um equívoco ao dizer que havia concedido um aumento real para o mínimo, de 5% (acima da inflação), quando, na realidade, o aumento real concedido ao piso nacional de salários foi de 3,41%, já que o aumento nominal foi de 31,25% e a inflação de novembro foi de 26,92%.

Sarney fez uma defesa categórica do Pacto Social, ressaltando que se ele deu certo em outros países, como Espanha, Israel, Argentina e México, não

há motivo para não dar certo no Brasil. Na Argentina, disse Sarney, o pacto ou "Plano Primavera", conseguiu derrubar a inflação de um patamar de 30% para 8% ao mês, enquanto no México, o índice caiu de 16 para 1%, durante um período de oito meses.

"Portanto — frisou o presidente — nós devemos perseguir objetivos sabendo que não se mudam mas coisas do dia para a noite, as que devemos ousar e tentar. Aqui, não podemos crer que não se tenha a consciência de que a inflação é um problema de todos e não um simples decreto do governo."

Segundo Sarney, entretanto, "há muita gente que deseja que o pacto não dê certo. Há muita gente sabotando, porque deseja que a inflação alta seja um trunfo na corrida presidencial. Outros, especulando. Outros, jogando na visão da terra arrasada que é a mais arrasada de todas as visões. Mas seria terrível que o nosso povo tivesse de sofrer apenas porque uns desejam ganhar eleições, desejam ganhar votos e outros desejam ganhar dinheiro. Não é o presidente José Sarney que está

em jogo. É o interesse de todos e o interesse de cada um".

### UNIÃO

O presidente afirmou ainda que "o País deixou de ter parâmetros equilibrados para uma certa esquerdo-anarquia que, no passado, aqui e em outros lugares, gerou ditaduras e frustrações. Ditaduras que tiveram muitos nomes, inclusive o nome de fascismo. As forças democráticas de centro, de tendências equilibradas, devem se unir, têm de se unir para salvar o País! Têm de superar divergências, ressentimentos, egoísmos, seduções e ambições pessoais e reverter a tendência desse modismo tropical, terrível, que tem muito de violência contra a alma e o sentimento do povo brasileiro".

Para Sarney, os riscos de uma hiperinflação no País estão contidos: "o Pacto Social que eu desejei, pelo que lutei, doutrinei, desde o princípio do governo, parece que agora ganha força. A inflação tem se mantido nos índices acordados. Mas eu considero que isto ainda é pouco. Devemos ousar mais".

## "Desejamos crescer juntos"

Esta é a íntegra do pronunciamento do presidente José Sarney no programa *Conversa ao Pé do Rádio*:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma *Conversa ao Pé do Rádio*. Hoje, 2 de dezembro de 1988, estou chegando da Argentina, onde assinei um ato histórico e memorável para o Brasil e a Argentina e que se insere como um dos fatos marcantes na História de nossa América Latina. Assinamos um tratado de cooperação e desenvolvimento para a formação de um mercado comum entre nossos países, num prazo de dez anos, quando teremos livre circulação de bens e serviços e tarifas comuns em nossas relações comerciais com outros países. Devo dizer que as nossas relações com a Argentina nunca foram tão estreitas ao longo de nossa História, nunca estivemos tão longe de divergências e nunca estivemos tão unidos na busca de soluções comuns para vencermos as dificuldades que enfrentamos.

Com esse tratado, desejamos fazer com que o continente ingresse na economia dos conjuntos, mudando a nossa caminhada, fazendo crescer um comércio intra-regional e abrindo amplas portas para a participação de todos os países do continente. Esse tratado será em breve homologado por nossos congressos e por eles acompanhado através de comissões parlamentares permanentes, que darão cumprimento ao disposto em nossa Constituição, que tem como um dos objetivos nacionais a integração latino-americana.

Confesso que fiquei emocionado quando, na Casa Rosada, juntamente com o presidente Raúl Alfonsín, assinávamos esse documento. Tínhamos a certeza de que estávamos fazendo a História. Tive a oportunidade, então, de afirmar que eu tinha vivido esta causa com grande paixão durante todo o período do meu governo e que dedicaria o resto de minha vida política na continuidade e na luta por esta obra que considero de salvação da América, da liquidação de nossa pobreza e da abertura do definitivo caminho do futuro. Desejamos crescer juntos para os desafios do século 21, dominando saberes, ciência, tecnologia e ocupando os nossos espaços em termos mundiais.

Agora, vou abordar alguns problemas internos. Um deles é esta notícia que tenho dado todos os meses aos trabalhadores que menos ganham neste país, que

são aqueles que têm salário mínimo. Eu assinei decreto ontem estabelecendo o novo salário mínimo no mês de dezembro. Será de Czs 40.425,00. Isto significa um ganho real de 5% — acima da inflação. Estamos mantendo o nosso compromisso de dobrar o salário mínimo em seu poder real até o fim de 1989, sem demagogia e sem prejudicar o nosso trabalhador com o fantasma do desemprego.

Ninguém mais do que eu tem procurado dar um ganho real aos que recebem salário mínimo. Basta dizer que quando assumi o governo, o salário mínimo aumentava no Brasil uma vez por ano, no dia 1º de maio. Hoje, todo mês o trabalhador menor do Brasil não só tem o seu salário reposto nos termos da inflação, mas acima da inflação. E não tenho feito isto somente com os trabalhadores de salário mínimo, mas também com todos os trabalhadores. Nenhum governo, nenhum governo, devo repetir, protegeu tanto os salários contra a deterioração da inflação quanto eu tenho feito.

Tenho dito e vou repetir: quando assumi, no caso dos outros trabalhadores, a correção era semestral. A grande reivindicação que se fazia era de uma correção trimestral, e hoje nós temos uma correção mensal. Por isso, os trabalhadores têm sido melhor protegidos contra os males do processo inflacionário que é um processo perverso nos seus efeitos e que precisa ser liquidado, porque por mais que se acompanhe nos reajustamentos, nós nunca ganharemos do processo inflacionário.

Acreditamos hoje que os riscos da hiperinflação estejam contidos. O pacto social que eu desejei, pelo que lutei, doutrinei, desde o princípio do governo, parece que agora ganha força. A inflação tem se mantido nos índices acordados. Mas eu considero que isto ainda é pouco. Devemos ousar mais. Mas, para isso, é preciso patriotismo e visão realista de empresários, de trabalhadores, de toda sociedade. Ninguém se salvará com o fracasso das medidas que estão sendo concertadas no pacto. Se o pacto deu certo em Israel, deu certo no México, deu certo na Espanha, deu certo em Portugal, por que não vai dar certo no Brasil?

Agora mesmo, durante minha viagem à Argentina, verifiquei que também lá o pacto está dando excelentes resultados. Eles têm um Plano Primavera que foi um plano resultado também de um pacto social. E eles conseguiram em três meses bai-

xar a inflação de 30% para 8%. E vai baixando. No México era 16% ao mês hoje está em cerca de 1%. Isto durante oito meses. Portanto, nós devemos perseguir objetivos sabendo que não se mudam as coisas do dia para a noite, mas que devemos ousar e tentar. Aqui, não podemos crer que não se tenha a consciência de que a inflação é um problema de todos e não um simples decreto do governo.

Mas há muita gente que deseja que o pacto não dê certo. Há muita gente sabotando, porque deseja que a inflação alta seja um trunfo na corrida presidencial. Outros, especulando. Outros, jogando na visão da terra arrasada que é a mais arrasada de todas as visões. Mas seria terrível que o nosso povo tivesse de sofrer apenas porque uns desejam ganhar eleições, desejam ganhar votos e outros desejam ganhar dinheiro.

Não é o presidente José Sarney que está em jogo. É o interesse de todos e o interesse de cada um. É o seu interesse, brasileira é brasileiro, da necessidade de vencermos o último dragão que nos ameaça: a inflação. Que é também uma inimiga da democracia; uma inimiga da estabilidade em nossa América Latina, porque os problemas começam aí, na área econômica, passam para a área social e vão bater na área política. Há um modismo populista que nos tem arrastado a estes baixos padrões políticos em que tudo é visto em torno de pessoas, em um maniqueísmo doente entre o bem e o mal.

O País deixou de ter parâmetros equilibrados para uma certa esquerdo-anarquia que, no passado, aqui e em outros lugares, gerou ditaduras e frustrações. Ditaduras que tiveram muitos nomes, inclusive o nome de fascismo. As forças democráticas de centro, de tendências equilibradas, devem se unir, têm de se unir para salvar o País! Têm de superar divergências, ressentimentos, egoísmos, seduções e ambições pessoais e reverter a tendência desse modismo tropical, terrível, que tem muito de violência contra a alma e o sentimento do povo brasileiro.

Para terminar, a renovação da minha fé de que venceremos. Eu nunca deixei de ter fé. Sou um lutador. Continuarei lutando. Muitas vezes injustificado, mas certo de que sempre, com honestidade, com grandeza e com espírito público, tenho procurado cumprir com o meu dever. Construir a democracia, ajustar a economia e lançar os alicerces de um grande futuro. Bom dia e muito obrigado".